

6 com  
Brasil

# Água, pelo amor de Deus!

JORNAL DE BRASÍLIA

Ignácio de Aragão

22 OUT 1988  
JORNAL DE BRASÍLIA

Acudam, depressa, que o Brasil está morrendo. Mal passados os primeiros quinze dias da nova Constituição, quando se esperava uma explosão cívica para que se reunissem os salvados e pudéssemos sobreviver, eis que todos querem tudo ao mesmo tempo e o País, descarnado, mordido e infectado, vai para a UTI. De nada valerem as palavras bonitas do Dr. Ulysses, com o "livrinho" debaixo do braço, nem, tampouco, o remorso do presidente Sarney, jurando fidelidade à nova Carta Magna. As greves já pipocaram com inusitada violência, até nos requintados gabinetes ministeriais de Brasília. Os funcionários do Banco do Brasil viraram bancários, os funcionários civis dos ministérios militares viraram amanuenses. Professores não dão aulas, alunos não têm lições, a previdência parou. Os grevistas do IBDF não deixam os turistas visitar o Cristo do Corcovado. Policiais civis não prendem, médicos não curam.

Do jeito que a coisa está, dentro de mais alguns dias, estimulada por esses sucessos extraordinários, a CUT e seu braço político, o PT, decretarão greve geral dos transportes, das ferrovias, das empresas aéreas, dos correios, dos portos, da distribuição de combustíveis, dos caminhoneiros. O País vai parar, de norte a sul, do mar à floresta. Será o caos.

Há um prazer mórbido das forças políticas e sindicais revolucionárias em destruir o País, ao invés de ajudar na procura de soluções. Há uma satisfação doentia de passar o garrote no pescoço do Governo e deixá-lo de língua de fora. Como já está.

Enquanto isso ocorre, a inflação dispara, absolutamente solta. O dólar verdadeiro, que se convencionou chamar de "paralelo", que é o parâmetro, bate nas estrelas e elimina outras formas de investimento e de aplicação produtiva. Daqui a pouco, não haverá mercado para os títulos do Governo e este terá que "fechar as portas", co-

mo qualquer comerciante, por falta de dinheiro. Os preços, galopando, saltam os obstáculos cada dia mais altos, no que são generosamente ajudados pelos órgãos do Governo, como o Banco Central, que já perdeu a confiança nacional, e que anuncia no meio deste mês a previsão da inflação alta provável do mês seguinte. Os comerciantes, que também são vítimas do quadro, já incorporam essas previsões a suas tabelas atuais de preço, para se prevenirem, e, com isso, se a taxa era uma expectativa já se transforma em dolorosa realidade. Um círculo vicioso. E, assim, a milagrosa URP é destruída pelo aumento de preços e deixa corroer os salários.

O País chegou ao ponto em que o pânico está se generalizando. Não há quem não esteja apavorado. Nem o aparentemente inesgotável estoque de otimismo do presidente Sarney salvará o doente. O grito rouco vem da UTI: "água, pelo amor de Deus!"